

OS EFEITOS DE SENTIDO DAS IMAGENS VISUAIS E O LIVRO INFANTOJUVENIL NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

THE MEANING EFFECTS OF VISUAL IMAGES AND THE CHILDREN'S BOOK IN STORY TELLING

Maria Nayara Bastos de Freitas¹
Margarida Pontes Timbó²

Resumo: Este artigo objetiva mostrar os efeitos de sentido entre o livro infantojuvenil e as suas imagens visuais para a contação de história. A discussão ressalta a forma como os elementos visuais ajudam leitores a compreender melhor as narrativas literárias. Por meio da palavra oral dos contadores e da narratividade das imagens, os ouvintes (que se constituem leitores) fazem uso da imaginação para recriar a história contada. A elaboração metodológica para este estudo foi feita a partir de pesquisa teórico-bibliográfica, baseada em autores como Bedran (2012), Dondis (1997), Nikolajeva e Scott (2011), Pereira (2008), dentre outros que se preocupam com o texto verbal e com o texto não-verbal. Também foi possível estabelecer interessante diálogo com as artistas Adriana Mendonça e Silvana Rando, que ilustraram os dois livros literários infantis *corpus* desta pesquisa. A seleção das narrativas literárias “Vê é uma caixa”, de Valéria Belém e “Príncipe Não”, de Angela Chaves decorreu da experiência como contadora de história, no Projeto Agente de Leitura Mais Educação do município de Sobral – CE. Concluiu-se então que o livro infantojuvenil e suas imagens visuais ajudam tanto na atividade do contador de histórias quanto na compreensão das narrativas pelos ouvintes/leitores.

Palavras-Chave: contação de histórias; imagens visuais; ouvintes/leitores; narrativa literária.

Abstract: This article aims to show the importance of the relation established between the children's book and its visual images for storytelling. The discussion highlights how visual elements help readers better understand literary narratives. By means of the oral word of the accountants and the narrativity of the images the listeners (who constitute readers) make use of the imagination to recreate the story told. The methodological elaboration for this study was based on theoretical-bibliographical research, based on authors such as Bedran (2012), Dondis (1997), Nikolajeva and Scott (2011), Pereira (2008), among others who are concerned with the text Verbal and non-verbal text. It was also possible to establish an interesting dialogue with the artists Adriana Mendonça and Silvana Rando, who illustrated the two children's literary books corpus of this research. The selection of the literary narratives “Vê é uma caixa”, by Valéria Belém and “Príncipe Não”, by Angela Chaves was based on the experience as a storyteller, in the Agent for Reading More Education project in the

¹ Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Professora da Prefeitura Municipal de Sobral – CE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4876111197160255>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2344-0631>. E-mail: nayarar09@hotmail.com

² Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora Temporária do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e professora do Curso de Direito da Faculdade Luciano Feijão – FLF. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9210567626251172>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2523-3164>. E-mail: margarida_timbo@uvanet.br / professoramargaridaff@gmail.com

municipality of Sobral - CE. It is concluded, then, that the book of children and their visuals aid both in the activity of the storyteller and in the understanding of the narratives by the hearers / readers.

Keywords: Storytelling; visual images; listeners / readers; literary narrative.

Introdução

Um professor pesquisador é incansável examinador de sua prática. Neste sentido, ele deve sempre revisitar conteúdos teóricos, a fim de ampliar o conhecimento de sua sala de aula.

Sendo assim, este trabalho parte de uma atividade de pesquisa professoral e objetiva mostrar os efeitos de sentido entre o livro infantojuvenil e as suas imagens visuais para a contação de história. Assim, o trabalho apresenta o desenvolvimento de nossas habilidades e competências como professor contador de histórias, que constantemente se avalia e redefine a sua participação na docência. O artigo objetiva ainda analisar essas práticas de contação de histórias, a fim de motivar o leitor a vivenciar essas mesmas experiências.

Diante disso, em nossa vivência particular como contadora de história desenvolvemos reflexões específicas, a partir de dois movimentos: 1) com livros da literatura infantojuvenil; 2) com a própria metodologia da contação de histórias. Percebemos que as imagens visuais de capa e ilustrações internas presentes no objeto livro infantil são expressivas e dignas de uma discussão mais aprofundada. Assim, este artigo procura problematizar essas questões.

Dividimos o trabalho em dois tópicos, com os seus respectivos subtópicos. No primeiro, apresentamos como se promove a contação de histórias com ou sem a utilização do objeto livro. Em seguida, discutimos o *corpus* de pesquisa, a saber: “Vê é uma caixa”, de Valéria Belém e “Príncipe Não”, de Angela Chaves, demonstrando suas peculiaridades. No segundo momento do trabalho, desenvolvemos a reflexão a partir da metodologia utilizada durante atividades culturais de contação de história realizadas entre os meses de abril e de março do ano de 2016, no Projeto Agente de Leitura Mais Educação do município de Sobral – CE. Em seguida, promovemos um debate acerca da relação entre o livro infantojuvenil e as suas imagens visuais, com base na perspectiva de estudiosos sobre o assunto e em depoimentos coletados com as ilustradoras das duas narrativas literárias estudadas. Assim, os dados da nossa experiência docente particular

e da entrevista informal com as ilustradoras do *corpus* literário apresentam neste trabalho caráter ilustrativo. Procuramos ainda levar em consideração o fato de que a narratividade das imagens presentes no livro auxilia na compreensão e na recriação da história por parte do ouvinte/leitor.

Com este trabalho, esperamos que os professores da Educação Básica, sobretudo aqueles que atuam como contadores de histórias percebam a importância da relação entre as imagens visuais com os livros infantojuvenis, enquanto recurso didático-metodológico e até pedagógico (bastante expressivo), capaz de despertar o interesse pela leitura e pela compreensão significativa de narrativas literárias.

Contação de histórias com e sem o uso do livro

A arte de contar histórias é inerente à vida humana. As primeiras narrativas foram transmitidas ao redor do fogo por meio de gestos e sons, bem como através de pinturas gravadas nas paredes das cavernas que tematizavam atividades do cotidiano. Neste sentido, como as narrativas estão presentes em nossa cultura há muito tempo, contar histórias tornou-se um recurso de comunicação e de expressão artística fundamental para as civilizações.

A contação de história conquistou espaço como construção de saberes, servindo de incentivo à leitura. Segundo Bedran (2012), a criança que ouve histórias cotidianamente desperta em si a curiosidade e a imaginação criadora e, ao mesmo tempo, tem a chance de dialogar com a cultura que a cerca. Isso ocorre porque as histórias são essenciais para o desenvolvimento e socialização, tanto para aprender a ouvir como para a expressão corporal e oral, além de contribuir para a capacidade da criança em opinar, argumentar e, conseqüentemente, escolher.

O principal papel do mestre, que assume o ofício de contador de histórias, consiste em “conquistar” os ouvintes pelo poder da palavra. Para que isso se efetive de fato, é preciso que este mesmo mestre goste de ler, sobretudo narrativas literárias, para haver a aproximação entre o contador de histórias e o ouvinte.

Ouvinte e narrador se fundem, tornam-se artesãos tecendo um mesmo tecido: enquanto um usa as mãos, o outro vê; enquanto um fala, o outro imagina, se distancia e sonha, voltando à fruição do momento imprimindo ao tecido da narrativa outras linhas e cores trazidas do seu inconsciente (Bedran, 2012, p. 88).

O contador de histórias é, antes de tudo, um educador que se utiliza da palavra oral para persuadir, argumentar e abrir as portas da imaginação do ouvinte/leitor através do objeto livro.

No ato de contar ou ler em voz alta uma história, o contador precisará buscar técnicas e estratégias variadas de narração para que o ouvinte se familiarize com o livro e com a narrativa em si. O uso de uma boa técnica narrativa poderá evitar longas descrições ou divagações, especialmente quando o educador trabalha com o texto literário, o qual requer conhecimento da linguagem artística e de suas especificidades tais como: as imagens visuais e os efeitos cromáticos.

Neste sentido, vale destacar que as formas de contar histórias para crianças e jovens acontecem costumeiramente com e sem o principal instrumento de trabalho, isto é, o livro infantojuvenil.

Quando se trata de contar história sem o auxílio do livro, o contador tem a liberdade de expressar melhor suas emoções e seu lado criativo através da narrativa. Ao utilizar-se da performance, de gestos e entonação vocal, o contador de histórias procura recursos corporais expressivos para chamar a atenção dos ouvintes. Até nos parece que ele recorre a essas estratégias com bastante naturalidade, tornando críveis os acontecimentos narrados, bem como as cenas descritas mais reais, em virtude do poder que a palavra oral estabelece com o ouvinte. Isso ocorre porque inconscientemente o contador cria com o ouvinte um pacto de relação importante.

Essa técnica de contar sem o livro faz com que os ouvintes passem a utilizar sua imaginação para construir as imagens e situações contidas no enredo da história, assim como afirma Zilberman (1990, p. 111): “o elemento oral permite uma variedade de opções, possíveis somente na comunicação de viva voz”. Esta comunicação de viva voz aproxima contador e ouvinte criando um pacto intransponível. A oralidade ajuda o contador de histórias, especialmente por dois motivos: a) se ele mesmo gostar de ler em voz alta; b) se ele conseguir se apropriar da narrativa que for contar para chegar ao objetivo que pretende, afinal cada história tem uma função específica para transmitir, e, assim, atingir o público-alvo. No entanto, qualquer barulho ou inquietação do público pode ocasionar a desconcentração do contador, neste caso, ele pode se esquecer e não saber como retomar a história. Contudo, este problema é perceptível em contadores

mais inexperientes, porquanto ainda não dominem as técnicas necessárias para oralizar histórias fictícias para crianças e adolescentes, com ou sem o uso do livro.

Neste sentido, é por meio da maneira de narrar do contador de histórias que o ouvinte usa sua imaginação para reconstruir a história, revelada pela voz daquele que conta a ficção.

[...] a arte de contar histórias se faz hoje mais do que nunca necessária exatamente porque quando ela se dá, seja num contexto pedagógico, numa roda informal de contos ou mesmo no que chamamos de indústria do espetáculo, o maravilhoso se instala (Bedran, 2012, p. 152).

É a partir da presença do maravilhoso, incutida pela voz daquele que narra, que haverá encantamento e novas conexões para o ouvinte, ou seja, durante esse momento este indivíduo realiza sua mais importante operação: ressignifica sua relação com o mundo, sua capacidade de enfrentar a difícil tarefa de viver e conviver com as mais variadas informações simbolizadas ou metaforizadas nas ações e enfrentamentos dos personagens das histórias. Logo, este mesmo ouvinte é capaz de se identificar com a narrativa literária contada. De acordo com Bedran (2012), os contos da tradição oral vieram, através dos tempos, instigando os sonhos, revelando e derrubando valores e compartilhando a aventura de viver. Dessa maneira, as crianças aprendem muito mais com o maravilhoso presente nos contos, representado artística e performaticamente pela voz do contador de histórias, que ora segura o livro, ora deixa-o de lado.

Na contação de história utilizando o livro, o contador sempre instiga as crianças sobre o que revela a história, primeiramente pela narratividade por meio da imagem visual da capa, somente depois ele começa a narrativa com a presença marcante do livro aberto, direcionado para as crianças e à altura de seus olhos, passando as páginas vagarosamente para que possam ver as ilustrações, as cores e dimensões das imagens; em seguida, conta a narrativa com suas palavras. Essa estratégia de contar com a utilização do livro faz com que o narrador não se esqueça da história porque as imagens, em virtude de sua narratividade, irão ajudá-lo a lembrar de todo o enredo, sem transparecer para os ouvintes que esqueceu alguma parte ou tornar-se artificial no seu ofício de contador.

Ao utilizar-se da contação de história por meio das imagens presentes no instrumento livro, o contador entende que a história é o elemento mais importante, transmitindo, com naturalidade e segurança, o que acontece nas cenas, representadas

nas imagens visuais, afinal “[...] um texto de livro ilustrado deve incluir necessariamente todos os detalhes que o escritor considera importantes, como o cenário, a aparência dos personagens [...]” (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 31), que ajudam a compor a obra e naturalmente podem facilitar o trabalho do contador de histórias. Assim, cabe lembrar que a narratividade “[...] é o fenômeno de sucessão de estados e de transformações, inscrito no discurso e responsável pela produção de sentido” (Reis; Lopes, 2011, p.274). Logo, a narratividade da imagem produz inúmeros sentidos ao apreciador de um texto.

Diferentemente do trabalho do ator que centra sua atividade no ato da representação, da ação e da encenação usando elementos da linguagem cênica para fazer presentes ação e diálogo em cena, o contador que recorre ao auxílio do livro centra sua atividade na narração, ou seja, na comunicação direta com o ouvinte, fazendo uso do gesto e da voz para chamar o ouvinte à história que conta. Sendo assim, a presença do livro movimenta a sua capacidade oral.

Vale destacar ainda que as imagens coloridas e chamativas, principalmente aquelas verificadas nas capas dos livros, mexem com a percepção dos ouvintes, sobretudo daquelas crianças pequenas. Segundo Powers (2008, p. 07), “a capa, sem dúvida, cumpre um papel no processo de envolvimento físico com o livro, pois, embora não se possa olhá-la enquanto se lê, ela o define como objeto a ser apanhado, deixado de lado e talvez conservado ao longo do tempo”.

Entretanto, o que realmente irá prender mais a atenção do público-alvo ou dos ouvintes será a maneira de persuadir através da linguagem oral que se baseia na história narrada, recontada aproximadamente ou lida literalmente nas páginas do livro. Além disso, alguns recursos sonoros, tais como, a sonoplastia, ajudam a conduzir a atmosfera da narrativa.

Portanto, as histórias sejam elas contadas de forma oral ou lidas através do livro, de suas imagens de capa ou ilustrações internas, além de resgatar a atenção para o ato ou efeito de ouvir, ajudam a refletir, relaxar, divertir e fazem o indivíduo crescer intelectual, espiritual e criticamente.

O *corpus* de pesquisa e suas particularidades

Para este estudo, selecionamos como *corpus* os livros da literatura infantojuvenil “Vê é uma caixa”, de Valéria Belém e “Príncipe Não”, de Angela Chaves.

O livro da escritora carioca Valéria Belém foi publicado em 2007, tem como público-alvo crianças e adolescentes. Tivemos o primeiro contato com essa narrativa através da contadora de história Lia Venturieri, que oferecia formação aos professores pelo Projeto Agente de Leitura, do município de Sobral – CE. A atividade de formação abarcava profissionais da região Norte do Estado do Ceará que atuavam como contadores nas escolas públicas. Sentimo-nos sensibilizados pela forma que estes profissionais da educação contavam as histórias, principalmente a narrativa escrita por Valéria Belém, vimos professores/contadores interessados pelo enredo e pelas imagens narrativas ilustradas no livro. Sendo assim, adquirimos o livro pela internet para que pudéssemos desenvolver pesquisas com este material enriquecedor e significativo. Além disso, como parcela da metodologia, entramos em contato por e-mail com as duas ilustradoras, a fim de entendermos melhor o processo de criação delas. Com o devido consentimento das artistas, reproduzimos parte dessa conversa no formato de citações diretas longas no corpo deste trabalho.

Em linhas gerais, o enredo da obra “Vê é uma caixa” mostra crianças que resolvem fazer uma brincadeira: comparar seus colegas e amigos com objetos mais variados, com a intenção de vislumbrar como reagiriam os colegas a serem comparados com coisas que simbolizavam, na verdade, suas características pessoais, como o próprio título sugere, a personagem “Vê” se assemelha a uma caixa. Podemos perceber essa comparação explícita neste trecho da narrativa: “Vê é uma caixa, Mauro é puro livro, pois está sempre cheio de histórias, e Diná é como um chiclete”. (Belém, 2007, p. 06). Sendo assim, o ouvinte/leitor vai percebendo a analogia dos personagens com os objetos e compreendendo as particularidades acerca de como cada personagem reagiu ao ser comparado com tal coisa: “Vê, passado o susto, decidiu assumir ‘seu jeitinho caixa de ser’. Foi além: começou a fazer caixas, para dá-las de presente” (Belém, 2007, p. 12).

Essa história permite-nos refletir a respeito de quantos sentimentos e emoções trancamos na nossa caixa interior, isto é, no nosso coração. Remete ainda para o quanto deixamos de dividir, perdendo a oportunidade de fazer novos amigos, seja na escola, na

vizinhança ou no trabalho. Percebemos assim que os livros também são caixas e que, ao serem abertos e lidos, nos presenteiam com aventuras, dramas, suspense, comédias, tragédias, dentre tantos outros aspectos reveladores das paixões humanas. Deste modo, livros são “caixinhas de surpresa” que abrem, não apenas nosso coração, mas também a nossa mente.

De tal modo, “caixinhas de surpresa” podem ser igualmente as pessoas, por isso essa narrativa literária provoca o ouvinte a deixar de lado sentimentos de egoísmo e de indiferença (tão comuns na infância), fazendo-lhe enxergar, sobretudo o lado positivo das coisas. Esta positividade manifesta-se na própria imagem da capa da narrativa literária de Valéria Belém. Na capa, podemos visualizar a feliz personagem “Vê” ao lado de muitas caixas, como reproduzimos a seguir:

Figura 1



Fonte: elaborada pelas autoras — fotografia da capa do livro “Vê é uma caixa”.

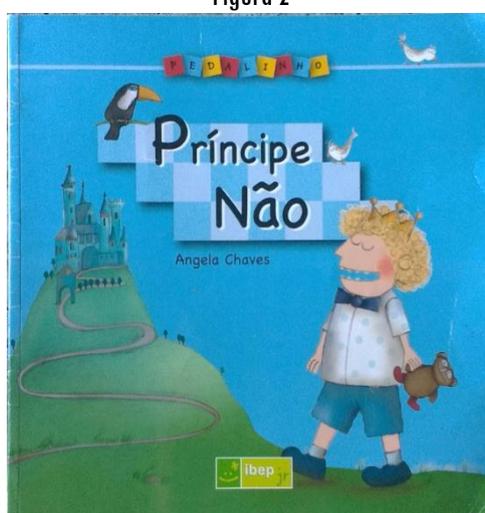
A segunda obra *corpus* “Príncipe Não”, da escritora carioca Angela Chaves, foi publicada em 2011, tem como público-alvo crianças de 8 a 11 anos de idade. O nosso contato com esta história se deu através da *internet*, quando pesquisávamos histórias para serem contadas para crianças, acabamos então surpreendidos por essa narrativa.

O enredo desse livro revela a história do príncipe Nicolau Azul, que acordou dizendo excessivamente “não”. Ao abusar do uso exagerado do advérbio de negação, o personagem desperta no ouvinte/leitor inúmeras curiosidades acerca da expressividade e poder deste vocábulo. Para o protagonista desta narrativa literária, a negativa se faz necessária muitas vezes para isso ou para aquilo; mas, dizer não para tudo, não para

nada, seria “nonada” ao modelo Guimarães Rosa? Tudo seria insignificante, um quase nada, por isso um “não” para todos é o pensamento do príncipe Azul.

Ao perceber que estava sozinho e assim triste, o personagem príncipe se sente excluído de todos da família, afinal muitos foram os seus “nãos”. No dia seguinte após o uso excessivo do advérbio não, o protagonista decide dizer “sim” para tudo, desta maneira conseguiria de volta a alegria de todos do reino. Interessante que na capa da narrativa, o próprio personagem parece retornar para o castelo, mas está com os olhos fechados. A seguir, também reproduzimos a imagem visual da capa do livro de Chaves:

Figura 2



Fonte: elaborada pelas autoras — fotografia da capa do livro “Príncipe Não”.

Essa história, simbolicamente, permite que as crianças sejam capazes de inferir que na vida devemos aceitar as afirmativas e as negativas, a fim de conseguir os melhores objetivos ou sonhos.

O contador de histórias, ao transmitir ou reproduzir os enredos das narrativas em discussão, pode utilizar-se tanto do livro (e das ilustrações de capa ou internas) quanto da transmissão oral para despertar o interesse dos seus ouvintes para a narrativa. Na contação de história sem o livro, o contador usa outros recursos como, por exemplo, adereços que fazem parte do enredo, construídos a partir de materiais recicláveis, tais como: papel crepom, jornais, borrachas flexíveis como o E.V.A., caixas de papel ou mesmo o uso de fantoches para o público sentir-se familiar com a história e ainda atentar para a criatividade dos personagens ou objetos construídos, muitas vezes, a partir das ilustrações que o contador tem acesso, mas resguarda de seu ouvinte.

Vale lembrar que os adereços são instrumentos importantes para aproximar os ouvintes da narrativa, porém se utilizados exageradamente podem vir a atrapalhar na hora da contação, pois as crianças se concentram mais no ouvir. Somente ao término da história contada deve-se mostrar o livro para que elas percebam de onde vieram as histórias, assim também para incutir o gosto pela leitura de novas narrativas.

Portanto, a contação de história é uma excelente estratégia para o professor colocar as crianças em contato com a leitura de literatura, além de proporcionar o primeiro contato com os livros, levando-as a lugares distantes através do imaginário.

As consequências da contação de história

Em tese, essa pesquisa nasceu da nossa experiência desenvolvida como contadora de história. Os livros *corpus* foram escolhidos em virtude de nossa vivência particular com eles e da reflexão surgida a partir da metodologia da própria contação de histórias. Percebemos que as imagens visuais de capa e ilustrações internas no objeto livro chamavam muito atenção dos ouvintes/leitores.

Durante as nossas atividades de contadora de histórias para crianças, fomos sentindo a necessidade de compreender melhor como a imagem visual auxilia no nosso trabalho, sendo capaz de incutir no leitor o interesse pela narrativa e, conseqüentemente, pela leitura.

Ademais, a mensagem dos textos ficcionais promovidas para as crianças foi outro recurso que nos motivou a entender este processo complexo e determinante da relação livro e ouvinte/leitor, pois a obra “Príncipe Não”, por exemplo, mostra que devemos aceitar tanto as afirmativas quanto as negativas em nossa vida; já “Vê é uma caixa” sugere que, às vezes, as pessoas perdem a oportunidade de fazer novas amizades devido à vergonha de conversar e de transmitir seus sentimentos umas às outras. Com base nestas breves conclusões que cada história sugere, constatamos que não só os enredos ficcionais foram relevantes para a nossa contação de história chegar ao público-alvo pretendido, mas também as imagens visuais assumiam um papel expressivo e fundamental neste processo.

Os enredos das duas obras ficcionais foram contados por nós, em virtude do Projeto Agente de leitura – Mais Educação do município de Sobral – CE, na Escola

Coronel Francisco Aguiar, do distrito de Aracatiaçu, para um público-alvo de 1º ao 5º ano, durante o turno matutino, no período entre março e agosto de 2016. As contações aconteciam no pátio ou na biblioteca da referida escola. Participaram 60 crianças, que estavam acompanhadas de suas professoras; o tempo de duração da atividade foi de aproximadamente 20 minutos para cada história.

Na execução dessa atividade de aprendizagem lúdica, pudemos entender que a hora da contação de histórias foi um momento no qual as crianças se encontravam nos personagens. Assim como a leitura sugere um tipo de compreensão, a contação possibilita a compreensão do próprio sujeito porque como afirma Bedran (2012, p. 106), “[...] o ouvinte, por sua vez, toma a narrativa como um fio condutor por onde sua memória trabalha e reconstrói a sua própria história”. Isso também acontece com a ajuda do contador que vai transmitir o enredo e o conteúdo reflexivo que a história passa para os ouvintes por meio da palavra oral, discutindo implicitamente a convivência no mundo social. As histórias contadas ou narradas oralmente permitem que os ouvintes olhem a vida pelos olhos do personagem.

Para um bom contador há sempre a preparação para as contações, então após a escolha do livro, ter conhecimento do enredo e intimidade com a narrativa é essencial.

O segundo ponto fundamental é saber para qual público irá se destinar à narrativa e quais os objetivos deverão ser alcançados com aquela contação. Em seguida, o contador precisará aprender a história e selecionar materiais que serão utilizados na contação, ou seja, o contador precisará ter muito bem delineado os seus procedimentos metodológicos, isto é, se irá narrar com ou sem o livro; se irão utilizar adereços para caracterizar a narrativa, dentre outras estratégias didático-metodológicas. Para finalizar o contador deve realizar preliminarmente uma experimentação, em outras palavras, deve fazer uma espécie de ensaio da história para não correr risco ao se apresentar para o público.

Numa contação de história é muito importante preparar o local onde acontecerá tal atividade porque se for um espaço barulhento, por exemplo, ao ar livre, os ouvintes não se concentrarão na narrativa. No entanto, o que deixará esse momento da arte de contar mais chamativo serão os adereços que o contador utilizará para mostrar que naquele momento haverá mistura de história com imaginação.

Uma das nossas estratégias didático-metodológicas mais exitosas no ato da contação de histórias é a utilização de adereços. Para contarmos “Vê é uma caixa” criamos uma boneca, em forma de caixa de papel, para representar a personagem “Vê”. A criação desta boneca facilitou as crianças a imaginarem a personagem principal da maneira que o enredo queria transmitir, uma criança fechada como uma caixa. A seguir, apresentamos uma figura ilustrativa para o leitor compreender melhor como foi criado tal recurso para a contação:

Figura 3



Fonte: elaborada pelas autoras — fotografia da contação de história na Escola Coronel Francisco Aguiar, abril de 2016.

Para a história da narrativa “Príncipe Não”, recorremos como instrumento metodológico o uso de um fantoche para representar o protagonista da narrativa. Além disso, ainda usamos uma coroa na cor azul e letras garrafais com os advérbios SIM e NÃO, feitas de borracha flexível de E.V.A.

Abaixo, apresentamos outra figura ilustrativa para o leitor também visualizar como foi este momento de contação:

Figura 4

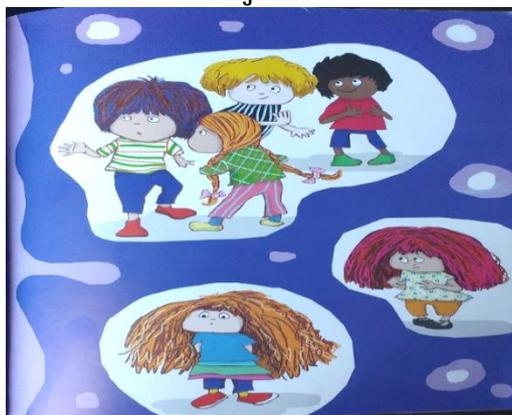


Fonte: elaborada pelas autoras — fotografia da contação de história na Escola Coronel Francisco Aguiar, março de 2016.

Nessa contação reproduzida na figura 4, os ouvintes participaram da história junto com a contadora, pois os recursos utilizados possibilitaram que o público se concentrasse melhor na história contada e imaginassem os personagens. Entretanto, isso não seria de todo possível sem o poder da palavra do contador, incumbida em mostrar de forma indireta que as narrativas estão em nosso meio para produzir o prazer de ler e ouvir atentamente.

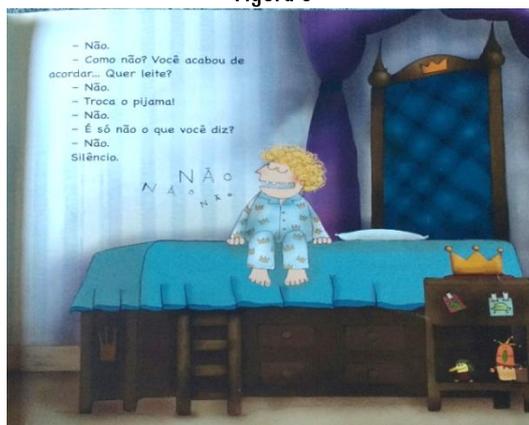
Por outro lado, quando utilizamos o objeto livro com imagens visuais na capa ou ilustrações internas, percebemos uma dialética diferente. Por isso nos sentimos motivados a pesquisar mais sobre a relação entre o livro e as suas imagens visuais para a atividade de contação de histórias para as crianças. Observemos, pois, as figuras que seguem:

Figura 5



Fonte: elaborada pelas autoras — fotografia de ilustração interna de Adriana Mendonça para o livro “Vê é uma caixa”.

Figura 6



Fonte: elaborada pelas autoras — fotografia de ilustração interna de Silvana Rando para o livro “Príncipe Não”.

Essas imagens são fundamentais para o contador de história, pois são capazes de auxiliá-lo a não esquecer ou se perder no enredo. A figura 5 elucida o momento em que as crianças ficam curiosas para saber com que objeto seriam comparadas, portanto, a curiosidade impera na imagem. Já a figura 6 resgata, pela imagem, o despertar do príncipe cheio de negativas e sem querer fazer nada.

O livro infantojuvenil e as imagens visuais na contação de história

Na realização de uma contação de histórias para crianças e adolescentes, o livro é um elemento importante tanto para o contador quanto para os ouvintes/leitores. O objeto livro consiste num dos instrumentos fundamentais para o ofício do contador de histórias, afinal com a presença dele, o contador é capaz de transmitir as histórias se aproximando mais do seu público ouvinte. Para este último, as imagens visuais ou ilustrações de capa ou internas ajudam a compreender a história contada ou narrada e, conseqüentemente, desenvolver melhor a imaginação criadora dos ouvintes. As figuras que acompanham os livros ilustrados correspondem a “signos icônicos complexos” (Meurer, 2010, p. 02), portanto, assim como as palavras, as imagens visuais apresentam narratividade, merecendo, como tal, uma leitura apurada, pois acabam convertendo-se numa outra linguagem da obra.

A composição visual de um livro parte dos elementos básicos: ponto, linha, forma, direção, textura, dimensão, escala e movimento, segundo Dondis (1997, p. 136), essa composição depende das técnicas visuais que os ilustradores usam para se chegar ao

efeito expressivo que pretende em cada narrativa que for ilustrar. Sendo assim, o conteúdo e a forma são componentes básicos da comunicação visual, onde o conteúdo (mensagem) nunca se separa da forma (*design*), pois ela é afetada pelo conteúdo e esse afetado pela forma. Isso tudo acontece porque a composição é o instrumento fundamental para as diversas interpretações do observador ao ver a mensagem visual, ou seja, as imagens que compõem os livros contam a narrativa de uma maneira particular, dependendo, portanto, da imaginação criadora de cada um.

Neste sentido, “[...] o ilustrador, como intérprete, não se posiciona apenas entre dois sistemas de signos de naturezas diferentes – verbal e visual – mas entre um texto poético e a criação de um elemento visual radicalmente novo” (Meurer, 2010, p. 02). É certo que os signos convencionais, isto é, as palavras do livro também apresentam sua complexidade. Logo, a função das figuras seria descrever, representar; já a função das palavras seria narrar. Por outro lado, os signos icônicos não oferecem um manual sobre como devemos realizar sua leitura. Então, qual o procedimento adequado para apreender a interação entre imagens e palavras?

O processo de ilustração se dá a partir do momento em que os ilustradores recebem o texto para ser ilustrado, a quantidade de páginas e o formato do livro. Assim, começam a criar as páginas e acrescentar detalhes que não estão no texto, fugindo do óbvio. O ilustrador, portanto, acaba se configurando como um novo intérprete da obra, uma espécie de contador por meio de imagens visuais.

Em conversa por e-mail que tivemos com a ilustradora Adriana Mendonça, que ilustrou o livro “Vê é uma caixa”, a artista afirmou que:

Geralmente tento conhecer bem o texto, entrar no clima da história. Para isso leio o texto, separo ideias que estão no texto que para mim parecem importantes para entender o todo. Costumo conversar um pouco com o autor. Muitas vezes, o autor chega com ideias de ilustrações prontas na cabeça, aí fica difícil capturá-las e trazê-las para o meu trabalho, porém, tento me aproximar dos pensamentos do autor sobre seu próprio texto. Criando assim uma intimidade com o clima do texto. Gosto de construir os personagens da história com características implícitas do texto, tento ser coerente com aspectos físicos e psicológicos através das pistas deixadas pela história.

Assim, podemos perceber que da mesma forma que o contador precisa se familiarizar ou gostar da história para aproximá-la a seu público, para chegar aos desenhos pretendidos, o ilustrador também precisa aproximar-se do texto para criar uma boa narrativa visual. Neste sentido, o ilustrador constitui-se como novo intérprete

da obra, por isso mesmo um contador não convencional. Ao criar uma ressignificação para a obra literária, a partir de um personagem ou de um episódio-chave de determinada narrativa, o ilustrador se coloca como novo intérprete, criando rostos, expressões e subjetividades para a personagem e para a história através da imagem.

O ilustrador busca mais do que inspirações para fazer seus desenhos. Como intérprete ou tradutor do tecido literário, acaba recriando a obra. Por outro lado, “o texto não é totalmente descrito em sua totalidade no meio visual, ou seja, o ilustrador o faz parcialmente, a partir de ‘recortes’, seleções e escolhas, conforme aquilo que acredita ser coerente ou passível de descrição visual” (Pereira, 2008, p. 13).

As técnicas visuais oferecem aos ilustradores uma grande variedade de meios para a expressão visual do conteúdo, afinal cada um tem sua técnica específica para traduzir a narrativa, composta por um objetivo: contar, expressar, explicar, dirigir, inspirar, afetar, e para se chegar a esse fim cada ilustrador escolhe através das quais se pretende intensificar e reforçar as intenções expressivas para o leitor.

Nos dois livros estudados por nós para essa pesquisa, constatamos que foram utilizadas técnicas visuais diferentes para a elaboração das personagens. Isso indica que cada ilustrador conta à sua maneira, técnica e subjetiva, a narrativa. Em conversa por e-mail, a ilustradora Silvana Rando relatou-nos que “Príncipe Não” foi ilustrado na fase inicial de sua carreira, no entanto, a técnica utilizada por ela atualmente permanece a mesma, a ilustradora asseverou: “desenho com lápis 6B no papel sulfite, digitalizo e uso o programa *photoshop* para colorir e finalizar”.

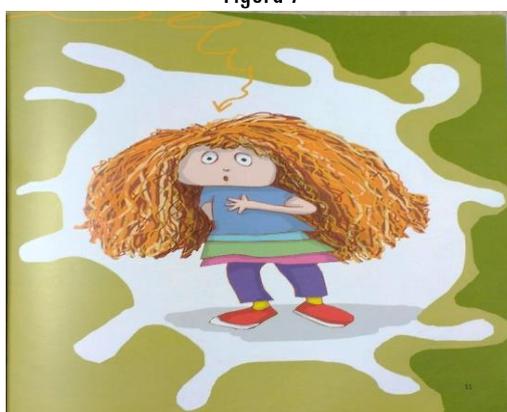
Na conversa por e-mail com a ilustradora Adriana Mendonça, esta afirmou que sofreu muito para chegar na caracterização dos personagens, pois conforme ela mesma apontou:

É complicado desenhar características psicológicas das crianças! Para mim essas características teriam que aparecer na expressão física dos personagens, e até mesmo nas roupas e objetos que os acompanhavam. Para Vê, pensei na ternura, no afeto, e quis desenhar uma garotinha que expressasse isso pelo olhar e pela expressão do corpo. Eu tentei trazer para as páginas do livro uma menina cuidadosa, amorosa, curiosa, e surpreendente dita pelo texto. Fiz muitos estudos, croquis para chegar aos personagens. Vi a importância de valorizar o processo de construção dos personagens, dando visibilidade à pesquisa de imagens do ilustrador. Pensei sobre como fazer caixas que exige recortes e dobras. Deixei explícita a geometria que se usa para chegar numa caixa quadrada por exemplo. Com a ideia dos recortes, ambientei as páginas com manchas parecidas com os recortes do artista modernista francês Henri Matisse, o qual criou séries de pinturas com recortes coloridos. Suas “pinturas com tesouras” me levaram a criar um caminho visual que simulasse recortes com papéis coloridos prontos para serem recortados e colados nas caixas de

Vê! Os desenhos foram elaborados com caneta de nanquim, e posteriormente coloridos no próprio computador. Usei o programa Adobe Photoshop para trabalhar as imagens e compor as páginas. Com as imagens digitalizadas tive a liberdade de ampliar, rotacionar, diminuir imagens e elaborar as páginas.

Diante disso, podemos notar a diversidade e dificuldade do processo de criação artística dos ilustradores. Se o contador de histórias necessita de tempo para preparar seu material didático-metodológico, a fim de realizar a atividade de contação com excelência, o ilustrador também necessita de tempo para refletir sobre a história, bem como depende de outros recursos técnicos que aparecem em definitivo na sua criação e, ainda, definem o êxito de sua produção artística. Vejamos a ilustração a seguir:

Figura 7



Fonte: elaborada pelas autoras — fotografia de ilustração interna de Adriana Mendonça do livro “Vê é uma caixa”.

Na figura 7 podemos notar a presença de cores tanto primárias quanto secundárias, sendo que as cores em uma imagem visual transmitem infinidade de emoções (DONDIS, 1997). A personagem “Vê” é uma menina calada, mas amorosa, quem sabe por isso na imagem predomine cores vivas e alegres. Essa ilustração está inserida no momento da narrativa em que a menina ficou assustada em descobrir seu apelido, quer dizer, ser comparada a uma caixa pareceu-lhe delicado. A cor verde à sua volta transmite para o leitor certo espanto e a curiosidade própria da infância, fortemente expressa pela cor elementar ou primitiva. A bolha em que Vê encontra-se, lembra as ideias de recortes do pintor modernista francês Henri Matisse, que inspirou a ilustradora Adriana Mendonça. Ademais, a imagem também comunica os vários tipos de recortes com papéis coloridos prontos para serem colados nas diversas caixas que Vê criava e presenteava aos amigos, certos conhecidos e até desconhecidos. Portanto, o uso da linguagem visual leva os ouvintes a imaginarem diversas possibilidades da história.

Nessa imagem, por exemplo, as crianças percebem que a personagem está assustada, inferem, portanto, o motivo dessa reação, ou seja, a comparação a uma caixa.

Diante disso, notamos a importância das cores para caracterizar e atribuir mais sentido e expressividade para a figuração das personagens de um livro. Analisemos a seguir esta outra figura:

Figura 8



Fonte: elaborada pelas autoras — fotografia de ilustração interna de Silvana Rando para o livro “Príncipe Não”.

Na figura 8, visualizamos a presença da cor azul, tanto no ambiente em que se passa a história quanto nas roupas dos personagens, por isso o tom simboliza a cor preferida do rei, pai do príncipe Nicolau Azul, transmitindo ainda alegria e suavidade.

Essa ilustração interna aparece na parte da narrativa, em que os membros da família real imitam os bichos do zoológico. Sendo assim, não prestam muita atenção ou se incomodam com as negativas do príncipe, deixando-o triste e sozinho. As pessoas do reino se divertem, conversam e lançam muitos sorrisos. O príncipe ao perceber que ninguém lhe dava atenção necessária começou a refletir sobre seu comportamento e ao dormir exausto de tanta recusa sonhou nada, mas por meio do sonho percebeu que poderia mudar seu comportamento e reconquistar a sua família, pois “[...] as estrelas sorriam. A lua gargalhava. E a noite era uma criança” (Chaves, 2011, p. 21).

As imagens visuais são relevantes para a narrativa literária, tornando o livro mais significativo ou não. Como vimos, isso depende das estratégias utilizadas pelo ilustrador. As imagens visuais tornam-se fundamentais ainda para o contador assimilar as imagens ao texto e aprender a narrativa. Afinal, usando ou não o livro para contar, o contador

pode por ventura recorrer às imagens, lembrando assim do texto. O texto não-verbal auxilia o contador de histórias a não esquecer do enredo, especialmente devido à proximidade que os ilustradores fazem entre a narrativa e os personagens. Logo, estes elementos visuais participam tanto da aprendizagem e da intimidade com a narrativa para realizar uma boa contação de história.

Os livros que contêm imagens junto com o texto param se contar a história tornam-se bastante expressivos, porquanto caracterizam, individualizam e particularizam a narrativa literária. Ademais, podem transmitir de uma forma mais lúdica o enredo, o efeito cromático de cores, formas, texturas ampliam a atenção do ouvinte/leitor.

Sabemos que por meio de ilustrações, sobretudo para as crianças que não sabem ler, a história atinge um efeito significativo, pois estes ouvintes mirins são capazes de contar para alguém a história, afinal, as imagens orientam-lhes, fazendo com que narrem a história na ordem cronológica da narrativa, além de manifestar o estímulo notório pela imaginação. Em suma, ao ler um livro que contém imagem visual, o leitor é responsável por modificar a história: de imagens para palavras, transformando a linguagem visual em linguagem verbal (Zilberman, 2005).

Considerações finais

Com essa pesquisa, pudemos nos certificar que há riquezas nos processos imaginativos para a visualidade da imagem no livro literário porque “‘faz chover’ em nossa mente tanto imagens visíveis a partir da palavra quanto a expressão verbal a partir de imagens visíveis” (Calvino 1990, p. 97 *apud* Bedran, 2012, p. 90).

Na circunstância da história contada, os ouvintes fazem uso da imaginação para criar a narrativa com ajuda das palavras do contador. Eles ainda podem recriar a história pela narratividade das imagens visuais do livro. Assim, percebemos que cada ouvinte tem uma maneira diferente de imaginar e recriar a história. Neste caso, as imagens visuais auxiliam neste processo de compreensão leitora e apreensão do saber.

A contação de história surge como uma forma de estímulo à leitura, sendo essencial no desenvolvimento do ouvir, da socialização e da capacidade de opinar, argumentar e escolher da criança, mas isso só poderá acontecer com reflexões

metodológicas e político-pedagógica dos contadores de histórias. Portanto, o livro infantojuvenil com imagens visuais tem um valor significativo nas contações, por meio dele os contadores aproximam as histórias de seus ouvintes/leitores, influenciando no desejo de ler imagens e de ler novas histórias.

Referências

- BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias**: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BELÉM, Valéria. **Vê é uma caixa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.
- CHAVES, Angela. **Príncipe não**. São Paulo: IBEP, 2011.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2. ed. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MEURER, Clio. Miró, Magritte: sobre a ilustração literária como tradução intersemiótica. *In: Semiosis e Transdisciplinaridade em Revista*, São Paulo, set. 2010. Disponível em: <http://www.semeiosis.com.br/miro-magritte/>. Acesso em: 9 jun. 2015.
- NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado**: palavras e imagens. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- PEREIRA, Nilce Maria. **Traduzindo com imagens**: a imagem como reescritura, a ilustração como tradução. 2008. 165 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-03092009-172824/pt-br.php>. Acesso em: 01 jul. 2017.
- POWERS, Alan. **Era uma vez uma capa**. Tradução de Otacílio Nunes. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2011.
- ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil: livro, leitura, leitor. *In: ZILBERMAN, Regina. (org.). A produção cultural para a criança*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado, 1990.
- ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Submetido em 19 de maio de 2024.

Aceito em 17 de junho de 2024.